

Folha da Embrapa

Contando Ciência na Web

Informação e
diversão com
linguagem fácil e
visual leve, colorido.
É o que oferece o
site infantojuvenil
lançado pela
Embrapa para
divulgação
de conteúdos
científicos de todas
as Unidades da
Empresa.
Páginas centrais.



Sumário

3 | Dúvidas sobre contribuição previdenciária são esclarecidas

4 | Conheça mais duas Unidades Descentralizadas

5 | Os novos regimentos das Unidades e o papel estratégico dos CTIs

6 e 7 | Novo site leva pesquisa da Embrapa ao público infantojuvenil

8 | Embrapa contribui para geração de renda em reserva extrativista

9 | Agricultores do Semiárido tiram proveito da agroecologia

10 | Transferência de tecnologia desenvolve mandiocultura no Centro-Sul

11 | O assistente que superou sua deficiência e o analista que convive com famosos

12 | O pesquisador apaixonado por rádios antigos

Destaques desta edição



O Folha da Embrapa começa 2011 mergulhando no mundo infantojuvenil. A capa colorida reproduz cenários e personagens do site Contando Ciência na Web, criado pela Embrapa Informação Tecnológica (Brasília, DF) para divulgar, a crianças e adolescentes, conteúdos científicos produzidos por todas as Unidades da Empresa.

A matéria da jornalista Kátia Marsicano mostra como o site, que já está no ar e será lançado oficialmente em abril, passou pelo exigente crivo de avaliadores na faixa etária entre os seis e 16 anos, já tão habituados ao mundo digital. Essa iniciativa foi elogiada até pelo Ministério da Ciência e

Tecnologia, que enviou um representante para uma das fases da avaliação.

Merecem destaque também as matérias das páginas 8, 9 e 10, que mostram como algumas ações da Embrapa têm proporcionado melhoria na qualidade de vida de comunidades extrativistas da Amazônia, de pequenos produtores do Semiárido nordestino e de mandiocultores do Centro-Sul do País. Boa Leitura.

Os editores.

ERRATA

O projeto que está sistematizando os conhecimentos etnobotânicos dos kulinhas, em três terras indígenas do extremo oeste da Amazônia brasileira, é executado no âmbito do Macroprograma 6, e não no do Macroprograma 4, como noticiado na edição de novembro à página 6.

Participe do Folha da Embrapa

Pelo Malote

Envie sua sugestão para:
Editor-executivo do Folha da Embrapa.
Assessoria de Comunicação Social (ACS). Sala 222, Sede da Embrapa

Por e-mail

Escreva para:
folhadaembrapa@embrapa.br



EXPEDIENTE - Folha da Embrapa é uma publicação editada pela Assessoria de Comunicação Social (ACS) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Endereço: Parque Estação Biológica s/nº Edifício Sede. CEP: 70.770-901 - Brasília-DF. Fones: (61) 3448-4834. Fax: (61) 3347-4860.

Diretor-Presidente: Pedro Antonio Arraes Pereira. **Diretores:** José Geraldo Eugenio de França, Kepler Euclides Filho e Tatiana Deane de Abreu Sá. **Chefe da Assessoria de Comunicação Social:** Rose Azevedo. **Coordenadora de Comunicação Interna:** Gilceana Soares Moreira Galerani. **Coordenadora de Imprensa:** Marita Féres Cardillo. **Coordenadora de Eventos e Publicidade:** Maria da Graça Monteiro. **Fotolitagem, Impressão e Acabamento:** Embrapa Informação Tecnológica. **Fone:** (61) 3349-6530. **Editora Geral:** Rose Azevedo Mtb 2978/13/74/DF. **Editor Executivo:** Fernando Gregio Mtb 42280/SP **E-mail:** fernando.gregio@embrapa.br **Revisão:** Eduardo Pinho. **Editoração Eletrônica:** André Scofano, Roberta Barbosa e Francisco Ottoni. **Conselho Editorial:** Rose Azevedo, Gilceana Galerani, Sandra Zambudio, Mônica Silveira, Heloiza Dias da Silva, da ACS; Alba Chiesse, do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (DPD); Juliana Villa, do Departamento de Gestão de Pessoas (DGP); Irene Lobo, da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia.



Foto: Fernando Gregio

Por que o empregado, ao completar 30 anos de contribuição previdenciária, não pode aposentar-se pelo INSS e continuar trabalhando na Embrapa?"

Elizabeth Antunes, analista da Assessoria de Comunicação Social (ACS).

Cara Elizabeth, quando o empregado da Embrapa se aposenta, ele passa a receber benefício previdenciário, cujo pagamento provém do Tesouro Nacional, que é a mesma fonte dos recursos financeiros para pagamento do salário dos empregados da Empresa. Caso o empregado permaneça em atividade, ocorrerá acumulação indevida de proventos de atividade com proventos de aposentadoria, o que é vedado pela Jurisprudência Pacífica do Supremo Tribunal Federal ao interpretar as vedações existentes no art. 37, incisos XVI e XVII, da Constituição Federal, que estabelecem:

“Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência [...]

[...]

XVI - é vedada a acumulação remunerada de cargos públicos, exceto, quando houver compatibilidade de horários, observado em qualquer caso o disposto no inciso XI.

- a) a de dois cargos de professor;*
- b) a de um cargo de professor com outro técnico ou científico;*
- c) a de dois cargos ou empregos privativos de profissionais de saúde, com profissões regulamentadas;*

XVII - a proibição de acumular estende-se a empregos e funções e abrange autarquias, fundações, empresas públicas, sociedades de economia mista, suas subsidiárias, e sociedades controladas, direta ou indiretamente, pelo poder público”

Esse, aliás, é o fundamento da Resolução Normativa nº 20, do Conselho de Administração da Embrapa, para estabelecer que, com a aposentadoria do empregado, deverá ocorrer o término de seu contrato de trabalho.

Aposentadoria

O Departamento de Gestão de Pessoas e a Assessoria Jurídica esclarecem dúvidas de empregados sobre contribuição previdenciária.



Foto: arquivo pessoal

Quais caminhos devem ser trilhados por aquele aposentado pelo INSS que voltou a trabalhar em outra empresa e, evidentemente, continua a contribuir mensalmente para aquela entidade, e quer livrar-se desse ônus?"

Luiz Edwilson Frazão, assistente da Embrapa Roraima (Boa Vista, RR).

Caro Luiz, a Lei 8.212, de 24 de julho de 1991, rege esse assunto. O art. 12 (§ 4º) da referida lei diz que o aposentado pelo Regime Geral de Previdência Social (RGPS) que estiver exercendo ou que voltar a exercer atividade abrangida pelo RGPS é segurado obrigatório em relação a essa atividade, ficando sujeito às contribuições de que trata essa lei, para fins de custeio da Seguridade Social. Em consulta ao plantão fiscal da Receita Federal do Brasil, a Coordenadoria de Relações Trabalhistas do Departamento de Gestão de Pessoas (DGP) foi informada que não existe previsão legal, atualmente, para que essa situação seja revertida.

1975



Embrapa Soja

Desde que a Embrapa Soja (Londrina, PR) foi fundada, em 1975, o cenário agrícola passou por várias transformações. O cultivo da soja, que se concentrava no Sul do País, expandiu-se para outras regiões brasileiras. As cultivares adaptadas foram as grandes responsáveis por essa mudança de cenário. A base dos resultados obtidos está nas pessoas que trabalham na Embrapa Soja. As equipes multidisciplinares são formadas por 65 pesquisadores instalados no Paraná e no Brasil Central e 228 profissionais no apoio à pesquisa. Outro diferencial da Unidade é a rede de parcerias que mantém com os mais diversos segmentos da sociedade. Com visão de futuro, a Embrapa Soja busca consolidar-se como centro de referência internacional em pesquisa de soja tropical. Os esforços estão concentrados na geração de tecnologias que buscam o uso racional de recursos, na incorporação de resistência genética a novas doenças, no desenvolvimento de estudos de cenários para amenizar os impactos climáticos, entre outras ações. ■ *Colaboração: Lebna Landgraf*

2006



Embrapa Agroenergia

Com o lema “Focando em soluções: da biomassa à energia”, a Embrapa Agroenergia (Brasília, DF) complementa e revigora as pesquisas para fins energéticos já desenvolvidas nas demais Unidades da Empresa, potencializando competências, redes de conhecimento e recursos materiais e financeiros, em busca de cumprir missões e objetivos estratégicos da Embrapa. Criada em 24 de maio de 2006, a Embrapa Agroenergia direciona seus principais esforços para as atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação em processos de transformação, conservação e utilização de energia de biomassa, contribuindo para potencializar as ações de produção e desenvolvimento de matérias-primas de qualidade para o

aproveitamento energético, em parceria com outras Unidades da Embrapa e com parceiros externos.

Com a inauguração da sede da Unidade, no dia 2 de dezembro de 2010, a estrutura de P&D facilita o avanço das pesquisas que têm como instrumento de trabalho quatro Laboratórios Temáticos (Biologia Energética, Processamento de Matérias-Primas Energéticas, Aproveitamento de Coprodutos e Resíduos, Gestão do Conhecimento em Agroenergia), uma Central de Análises Químicas e Instrumentais e um complexo de Plantas-Piloto, onde são testadas as tecnologias desenvolvidas nas bancadas dos laboratórios. ■ *Colaboração: Daniela Collares*

Governança corporativa reforçada

Os novos regimentos internos de todas as Unidades Descentralizadas (UDs) da Embrapa devem estar publicados, oficialmente, até o fim de janeiro. O processo de revisão dos regimentos começou no segundo semestre de 2009, com o objetivo principal de alinhar o funcionamento dos centros de pesquisa a uma orientação corporativa.

Após deliberações da Diretoria Executiva (DE), que se reuniu com cada um dos chefes-gerais no fim do ano passado, coube à Secretaria de Gestão Estratégica (SGE) orientar as UD's em relação a detalhes. Assim surgiu a segunda versão de cada regimento, que voltou à Unidade de origem para a revisão final.

Com as considerações das Unidades em mãos, a SGE está redigindo a versão final dos regimentos. Depois disso, esses documentos serão encaminhados para a DE, que delibera e publica a versão oficial.

Os novos regimentos estabelecem mudanças importantes. A Comunica-

ção Organizacional e a Tecnologia da Informação ficarão ligadas diretamente à chefia-geral, como áreas estratégicas. As ações de Transferência de Tecnologia estarão melhor estruturadas, com a criação de uma chefia-adjunta para a área. E o Comitê Técnico Interno (CTI) terá seu papel estratégico reforçado - veja matéria abaixo.

Na prática

Muitas Unidades não terão condições de implementar de uma só vez o funcionamento de toda nova estrutura. Essa questão está sendo considerada pela DE e pela SGE.

“Embora a Unidade possa não ter hoje condições de implementar toda a estrutura, especialmente as novas áreas, ela deve fazer a formalização e se preparar, solicitando apoio das

Unidades Centrais. Isso deve ser implementado paulatinamente, inclusive reservando a função gratificada destinada para a área”, explica Jacqueline Leitão, coordenadora de Desenvolvimento Institucional da SGE. ■



Foto: Fernando Gregio

Comitês técnicos mais estratégicos

A nova norma que trata da organização e do funcionamento dos Comitês Técnicos Internos das Unidades Descentralizadas (CTIs) e do Comitê Técnico da Sede (CTS) reforça o papel estratégico desses colegiados na gestão da programação institucional, buscando assegurar o alinhamento das carteiras de projetos das Unidades com as diretrizes da Embrapa.

De acordo com a nova norma, o parecer dos CTIs e do CTS aprovando ou não os projetos das Unidades agora é decisivo, e não apenas consultivo, como era antes. Esses comitês devem

analisar e induzir propostas, acompanhar os resultados e emitir recomendações ao longo do trabalho, garantindo projetos melhores nas áreas de P&D, Transferência de Tecnologia e Desenvolvimento Institucional.

Outra novidade é a descrição do perfil dos membros dos Comitês. Critérios de seleção dos integrantes desses grupos foram estabelecidos para garantir a participação de profissionais preparados, com experiência em projetos e tempo de Empresa.

A secretária-executiva do CTS, Maria Alice de Medeiros, considera as

mudanças uma conquista para toda Embrapa. “Queremos ver cada vez mais projetos bem elaborados e bem desenvolvidos, assim como uma massa crítica ativa nos Comitês”, revela.

A nova norma está em vigor desde 15 de novembro de 2010, quando foi publicada no boletim oficial da Empresa - BCA nº47. Algumas mudanças relacionadas à readequação de membros ocorrerão após a aprovação dos regimentos internos das Unidades. É o caso da entrada do chefe adjunto de Transferência de Tecnologia como membro nato. ■ Colaboração: Joanicy Brito

Contando Ciência na Web

Kátia Marsicano

A partir de abril, mês em que a Embrapa comemora 38 anos de pesquisa e promoção do desenvolvimento científico agropecuário nacional, um presente diferente será lançado oficialmente para crianças e adolescentes de todo o Brasil: o site Contando Ciência na Web. Trata-se de uma ferramenta especial a ser usada para divulgação de conteúdos científicos de todas as Unidades da Embrapa, que promete oferecer, ao mesmo tempo, informação e divertimento em linguagem fácil e por meio de um visual leve e colorido. Afinal, quem disse que para entender e aprender ciência é preciso mergulhar em volumosos livros de capa dura?

Já disponível no endereço www.embrapa.br/contando-ciencia, o site infantojuvenil da Embrapa passou antes pelo crivo de uma equipe muito exigente, formada por avaliadores mirins na faixa etária de seis a 16 anos, todos filhos de empregados. Foram eles os responsáveis por apontar o que havia de melhor no site e aquilo que precisava de ajustes para agradar a esse segmento de público tão habituado a navegar pela internet. E nada melhor do que sinceridade de criança, não é?

Segundo a líder do projeto, aprovado pelo Macroprograma 4 e coordenado pela Embrapa Informação Tecnológica (Brasília, DF), Regina Fiuza, durante a edição dos primeiros conteúdos uma das preocupações foi o desafio de submeter o trabalho aos usuários. “São muitos detalhes para pensar”, diz ela, destacando o acompanhamento constante de especialistas, entre os quais pedagogos, encarregados de garantir a qualidade da informação como fonte do processo educativo.

Personagens representando a diversidade do povo brasileiro foram criados para conduzir os internautas pelos caminhos da ciência, e a navegação flui por meio de dez modalidades de jogos, cinco e-books, glossário, bloguinho, informações sobre as Unidades da Embrapa, uma versão especial do programa de rádio Prosa Rural e muito mais coisas elaboradas para entreter e, claro, ajudar nas pesquisas escolares e nos momentos de lazer da turma.

Trabalho em rede

Ao contrário do que se pode imaginar, o conteúdo do site Contando Ciência na Web vai muito mais além. Ele representa uma proposta de oportunidade de divulgação e facilidade de acesso a informações vindas de todas as Unidades Descentralizadas da Empresa. “O site será uma porta de entrada para que a criança conheça os demais trabalhos que estão sendo desenvolvidos pela Embrapa”, comentou Regina Fiuza, dando como exemplo os projetos Agrobiologia para Gente que Cresce (Embrapa Agrobiologia/Seropédica, RJ) e Atlas Ambiental (Embrapa Monitoramento por Satélite/Campinas, SP). A previsão é de que, em fevereiro de 2011, profissionais de cada UD sejam capacitados para integrar seus projetos ao site e inserir conteúdos em suas páginas.



Avaliadores mirins

Na tarde de 23 de novembro de 2010, dia em que foi realizada a segunda avaliação do site, estiveram presentes 20 estudantes de escolas públicas e particulares, empregados e convidados externos, além de uma comissão de pesquisadores do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), da Universidade de Brasília (UnB) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Segundo o coordenador do projeto Ciência nas Escolas do MCT, Cezar Martins de Sá, a iniciativa foi muito boa. “Colocar o público-alvo na avaliação reforça a necessidade de atualização constante. Eles são muito atentos”, comentou. O pesquisador Isaac Roitman, da Academia Brasileira de Ciências e da SBPC, que também acompanhou o evento, disse que o potencial infantojuvenil é fundamental na construção do conteúdo. “As crianças têm uma curiosidade inata, que deve ser aproveitada, e o site é uma ideia formidável, por motivar o interesse e, quem sabe, ajudar no surgimento de grandes pesquisadores.”

Todos os momentos foram documentados com entrevistas das crianças, e não faltaram sugestões. Letras maiores, conteúdos divididos por faixa etária e jogos com níveis diferenciados de dificuldade foram apenas algumas dicas dadas pela turma de “superavaliadores mirins”. “O site é legal, mas tem muita palavra”, comentou o pequeno Vitor Mangabeira, de seis anos, um dos mais entusiasmados. Para Ian Tomas Espírito Santo, de dez anos, as informações sobre clonagem foram as que mais chamaram a atenção. Sobre a seleção de temas abordados no conteúdo, Julyanna Telles, de 12, destacou a importância da matéria do Prosinha Rural sobre preservação da água. “É sempre bom lembrar que temos só 3% de água potável no planeta, e por isso temos que cuidar”, concluiu.

Conforme o gerente-geral da Unidade, Fernando do Amaral Pereira, o investimento da Embrapa Informação Tecnológica no novo projeto faz parte das estratégias de universalização do acesso à informação científica. “Trata-se de um segmento que merece muita atenção, por isso o apoio no desenvolvimento de uma ferramenta que reúna ciência, atualidades e que seja interativa”, explicou. ■

Olhares especiais

Beatriz, Pedro e Sávio, portadores de deficiências, talvez nem tenham se dado conta, mas foram eles os principais responsáveis pela aprovação do que pode ser considerado o maior desafio para a equipe de elaboração do site Contando Ciência na Web. “Oferecer as mesmas condições de acesso e compreensão do conteúdo, com respeito às limitações individuais, não é uma tarefa simples”, disse a coordenadora do projeto, Regina Fiuza, lembrando a preocupação em garantir recursos de acessibilidade adequados a todos os usuários. A análise da funcionalidade e da eficácia da ferramenta atende ao previsto na Convenção Internacional para proteção e promoção dos direitos e dignidade das pessoas com deficiência (Decreto nº 6.949, de 25/8/2009).

Para quem – como Sávio, de 14 anos – depende das pontas dos dedos e da sensibilidade auditiva para manter-se conectado com o mundo, navegar nas páginas virtuais e construir na imaginação o que as outras crianças conseguem ver é mais que uma prova de superação. “O site vai facilitar as pesquisas escolares, mas acho que o som poderia ser diferente, mais interativo, para estimular pessoas que não enxergam”, comentou. O sistema operacional adotado no desenvolvimento do Contando Ciência na Web foi o DosVox, gratuito e de uso livre, destinado a ajudar deficientes visuais a usar o computador de forma mais independente.



Cenários e personagens criados para o site Contando Ciência na Web

Embrapa propõe alternativas de renda para COMUNIDADES AMAZÔNICAS

Logo ali, em Porto de Moz (PA), na margem esquerda do rio Xingu, na confluência deste com o rio Amazonas, fica a Reserva Extrativista “Verde para Sempre”, onde a Embrapa realiza o seu primeiro e único projeto, até o momento, nesse tipo de unidade de conservação federal.

O trabalho é feito em quatro comunidades (Cuieiras, Carmelino, Itapéua e Arimum), em parceria com entidades representativas dos habitantes, como o Comitê de Desenvolvimento Sustentável de Porto de Moz, e com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão que administra a área, vinculado ao Ministério do Meio Ambiente.

A “Verde para Sempre” é a maior reserva extrativista (Resex) dentre as 56 existentes no Brasil. Criada em 2004, em decorrência da luta organizada das comunidades tradicionais para conter o desmatamento e a exploração predatória da madeira, ocupa 74% do município de Porto de Moz. Em cerca de 1,3 milhão de hectares residem pouco mais de 2 mil famílias, dispersas em 57 comunidades.

Essas 10 mil pessoas que sobrevivem do extrativismo, criação de animais, pesca artesanal e agricultura de subsistência precisam compatibilizar seu modo de vida, cultura e atividades econômicas – como a criação de búfalos – com o uso sustentável dos recursos naturais da reserva, conforme legislação ambiental específica. Até o momento, Arimum é a única comunidade que tem área formalmente regulamentada para exploração seletiva de madeira, com plano de ma-



Fotos: Alexandre Rossetto Garcia

Alunos do curso de “Meliponicultura: criação de abelhas indígenas sem ferrão”, fabricando caixas para criação de abelhas

nejo florestal comunitário em execução.

O primeiro desafio foi caracterizar a área para se conhecer o tipo de solo, vegetação, localização dos rios, uso da terra, modo de vida da população, renda e atividade econômica. “Em conjunto com os comunitários e entidades representativas, elaboramos o planejamento estratégico participativo, definindo as comunidades onde o trabalho seria realizado, as demandas por produtos e as capacitações”, conta Alexandre Rossetto Garcia, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental (Belém, PA) e líder do projeto “Alternativas Sustentáveis para Geração de Renda na Comunidade da Reserva Extrativista Verde para Sempre”, do Macroprograma 6.

Resultados

Eduardo Barros, analista ambiental do ICMBio e ex-chefe da Resex, lembra que os dados fornecidos pela Embrapa – como georreferenciamento, informações socioeconômicas e transferência de tecnologia – vão ser incorporados ao futuro plano de manejo geral da Resex Verde para Sempre. “Com a parceria da Embrapa, as perspectivas de sustentabilidade financeira mudaram para a população”, reforça.

Claudenir Ferreira, morador de Cuieiras, resume os benefícios: “Recebemos os treinamentos e estamos indo adiante, multiplicando o que aprendemos e até mesmo elaborando projetos de captação de recursos”, conta.

Além da meliponicultura, foram realizados cursos de aproveitamento de produtos florestais não madeireiros para produção de biojoias, sachês com essências amazônicas e caixas de embalagem, valorizando a biodiversidade local e agregando valor ao extrativismo. ■ Colaboração: Izabel Drulla Brandão



Alunos, instrutores e organizadores do Curso de “Meliponicultura: criação de abelhas indígenas sem ferrão”, na Comunidade de Cuieiras.

Segurança alimentar e renda extra para pequenos produtores



Foto: Edna Santos

Agricultor Pedro Elias exhibe as cebolinhas que foram plantadas em consórcio com o algodão, no campo ao fundo.

Edna Santos

Há cerca de três anos os pequenos agricultores do Semiárido nordestino vêm experimentando um novo jeito de plantar. Além dos tradicionais milho, feijão e mandioca, usados para o consumo familiar, as suas plantações agora também contam com outras culturas, como algodão, gergelim, amendoim, cebolinha, batata-doce, coentro, melancia, sorgo, girassol, entre outras, que lhes garantem uma renda extra no fim da colheita. A prática, que vem sendo incentivada pela Embrapa Algodão (Campina Grande, PB), é conhecida como plantio em consórcios agroecológicos.

O sistema de cultivo em consórcio consiste no plantio de diversas culturas, distribuídas em faixas, num mesmo local. “Uma das vantagens desse sistema é a redução de problemas com pragas, o que permite que os agricultores possam ter plantações orgânicas, sem aplicações de agrotóxicos”, explica o pesquisador da Embrapa Algodão e coordenador do projeto Algodão

em Consórcios Agroecológicos, Fábio Aquino de Albuquerque.

Ele aconselha que para cada cinco faixas de algodão sejam plantadas cinco faixas de outras culturas. “Quanto mais diversificado for o consórcio, melhor para o controle de pragas, pois ele aumenta a biodiversidade fazendo com que essas pragas sejam controladas pelos seus inimigos naturais, mantendo o equilíbrio do ecossistema”, orienta.

Além de não agredir o meio ambiente, os produtos orgânicos são mais saudáveis para o agricultor e para o consumidor, e por isso chegam a ser vendidos até pelo dobro do valor dos produtos convencionais.

Atualmente, cerca de mil agricultores familiares trabalham em sistemas de consórcios agroecológicos nos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. A área plantada é de aproximadamente 500 hectares, com produtividade média de 200 quilos de algodão por consórcio, além das culturas alimentares. ■

Bioinseticidas nas pragas

Desde 2009, quando adotou o sistema de consórcio agroecológico, o agricultor Pedro Elias dos Santos, do município de Arara (PB), só utiliza materiais orgânicos para controlar as pragas do seu roçado. “A gente usa o nim, manipueira (líquido extraído da mandioca), folha de maniçoba e cal”, afirma.

Mesmo com a produtividade prejudicada pela falta de chuvas na região, ele disse estar satisfeito com os resultados. “Em 2010 teve pouca chuva, então eu tirei uns 500 reais nesse roçado, fora os 500 quilos de algodão em rama, mas em 2011 vai ser bem melhor, se Deus quiser”, planeja. Pedro calcula vender a pluma do algodão a 6 reais, ficando com as sementes para alimentar os animais e para o próximo plantio.

Consórcio Agroecológico

Coordenado pela Embrapa Algodão, em parceria com o Projeto Dom Helder Câmara desde 2008, o projeto Algodão em Consórcio Agroecológico trabalha toda a cadeia produtiva do algodão, ensinando ao agricultor desde o modo correto de cultivar a terra até a comercialização da pluma. Os produtos orgânicos passam pelo processo de certificação para que possam ser comercializados no chamado comércio justo. Assim, além de manter a sua segurança alimentar, o agricultor é bonificado com um preço diferenciado, pois negocia diretamente com os empresários, excluindo a função do atravessador.

Pelo desenvolvimento da mandiocultura no Centro-Sul

Alessandra Vale

Não há nada mais gratificante para quem vive da pesquisa do que ver o fruto de seu trabalho contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas, principalmente agricultores familiares, que dependem diretamente do produto de seu esforço para sobreviver. Com a finalidade de oferecer soluções tecnológicas para atender às necessidades dos mandiocultores do Centro-Sul do País, a Embrapa Mandioca e Fruticultura (Cruz das Almas, BA) lidera, desde 2008, projetos de pesquisa e ações de transferência de tecnologia nos estados de Mato Grosso do Sul, Paraná, São Paulo e Santa Catarina.

“Nossos trabalhos estão focados nesses dois segmentos: mandioca para a mesa, conhecida como aipim, e mandioca para a indústria. No Centro-Sul, cobrimos praticamente 100% da região produtora e processadora de fécula e grande parte da área de produção de mandioca de mesa”, informa o pesquisador Marco Antônio Rangel, que fica direto na região e ri quando pergunta-

do sobre onde é sua base. “Não tenho isso não! No momento, minha base é a estação experimental da Epagri de Urussanga (SC), região forte produtora de mandioca. Mas eu circulo pelos municípios”, completa Rangel, que abdicou do cotidiano confortável em família para se dedicar, em uma vida de peregrinação de campo em campo, a esse projeto.

Origem

As ações na região tiveram início há dois anos com o projeto de Produção Integrada de Mandioca. Em 2009, como explica Rangel, foram instalados experimentos em Mato Grosso do Sul e Paraná, com a avaliação de cerca de 100 genótipos, provenientes da Embrapa Mandioca e Fruticultura, da Embrapa Tabuleiros Costeiros (Aracaju, SE) e da Embrapa Cerrados (Planaltina, DF), sendo dez selecionados como superiores para a continuidade das avaliações. Em junho de 2010, foi instalada a Rede Cooperativa de Avaliação e Transferência de Genótipos

de Mandioca, que envolve variedades já lançadas e clones em fase de testes, desenvolvidos em oito locais do Centro-Sul. Mais recentemente, foi aprovado o plano de ação do programa de melhoria focado para essa região.

Diretrizes

Os trabalhos dos três projetos são inter-relacionados e seguem três diretrizes principais: o manejo integrado das pragas, o desenvolvimento de sistemas de cultivo mais sustentáveis, com menor perda de solo, e o desenvolvimento de variedades de mandioca adaptadas para cada região produtiva e mais resistentes aos diversos fatores bióticos e abióticos que ameaçam a cadeia produtiva da mandiocultura.

“Temos, portanto, uma visão bastante integrada de todos os processos de produção de mandioca na região. Por exemplo, trabalhamos não só as estratégias de controle biológico e químico como também as variedades resistentes às principais pragas da região”. ■

Alguns parceiros que garantem ampla cobertura da região

- › Universidade Estadual de Maringá (UEM)
- › Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unoeste)
- › Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
- › Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
- › Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- › Empresas de pesquisa e extensão rural dos estados
- › Prefeituras
- › Embrapa Tabuleiros Costeiros
- › Embrapa Cerrados
- › Embrapa Agropecuária Oeste (Dourados, MS)
- › Embrapa Clima Temperado (Pelotas, RS)
- › Escritórios de Negócios da Embrapa Transferência de Tecnologia em Dourados (MS), Canoinhas (SC) e Campinas (SP).

Unidade demonstrativa de consórcio entre mandioca e feijão de porco no Mato Grosso do Sul

CAMPEÃO

em superação

Breno Lobato

O assistente Eraldo das Neves Rocha trabalha na oficina mecânica da Embrapa Pecuária Sul (Bagé, RS), onde foi admitido em junho do ano passado. Aos 45 anos, ele é a prova de que as limitações impostas pela vida não são empecilho para a conquista dos sonhos. O problema na perna direita, seqüela da poliomielite contraída na infância, obriga o mecânico a caminhar apoiado em uma muleta. Mas isso nunca o impediu de trabalhar e fazer o que mais gosta: praticar esportes.

Além de ajudar os colegas da Unidade com os conhecimentos acumulados nos mais de 30 anos em que trabalhou por conta própria e em oficinas de empresas de Bagé, de Porto Alegre (RS) e até do Nordeste, Eraldo é atleta paraolímpico e integra a Seleção Brasileira Permanente de Halterofilismo. Já con-

quistou três títulos brasileiros e foi recordista paraolímpico brasileiro na categoria, levantando 162,5 kg.

“Sempre fui esportista. Joguei futebol amador até os 35 anos. Fui campeão citadino em Bagé e vice-campeão gaúcho sub-17”, lembra. Detalhe: ele atuava como goleiro em um time de jogadores sem deficiência física. Eraldo também chegou a participar de rodeios e cavalgadas – numa delas, tentou ir sozinho até Brasília (DF) para reivindicar os direitos da Cartilha do Deficiente Físico, mas a missão teve que ser abortada em Porto Alegre porque o dinheiro havia acabado. “Minha luta sempre foi que a figura do ‘deficiente físico’ não pode ser uma formali-

dade para mascarar o problema. No Brasil, não temos acessibilidade real. Poucos conseguem se graduar, por exemplo”, reclama. “Mas na Embrapa tenho todas as condições para fazer o melhor trabalho possível”, garante.

Exemplo de superação das dificuldades, Eraldo manda um recado aos portadores de deficiência: “Não se omita, viva. Quando disserem que você não pode, não discuta. Prove que pode. A vida é curta demais para nos agarrarmos a problemas supérfluos”, ensina. ■



Eraldo treina com o auxílio da atleta Jane Morales

Foto: Breno Lobato

O show não pode parar

Fã de música desde pequeno – “comecei com os Beatles ainda criança” – o jornalista da Embrapa Solos (Rio de Janeiro, RJ) Carlos Dias exercita essa paixão profissionalmente desde 2005. “Minha mulher, Ana Paula Romeiro, foi assessora de imprensa da BMG e Warner, grandes gravadoras. Quando ela começou a carreira *freelancer*, após mais de 15 anos de mercado fonográfico, iniciamos a parceria. Ela estabelece o contato com os jornalistas e eu escrevo os textos”, diz o carioca, que trabalha há 15 anos na Unidade.

O contato próximo com grandes nomes da música brasileira, como Paula Toller e Milton Nascimento, ajuda a desmistificar algumas coisas.

“Eles são gente como a gente, também têm dor de barriga, os filhos choram de noite. A única diferença é que possuem um dom que os tornam pessoas públicas”, completa Carlos.

O que mais o atrai são os grandes shows internacionais. “É muito legal conhecer os bastidores dessas produções maiores, como foi o show dos Rolling Stones em Copacabana em 2006 ou, mais recentemente, as apresentações da Joss Stone e da Corinne Bailey Rae na Arena do Pan.”

Quanto ao gosto pessoal, o jornalista é fã do rock alternativo de bandas



Carlos Dias (de branco), Paula Toller, a mulher Ana Paula Romeiro e o produtor André Pacheco

Foto: arquivo pessoal

como Bloc Party, Interpol, Radiohead e da brasileira Pelvs. “O mais legal é quando acontece isso, trabalhar com algum artista que também curto”, diz. ■

NAS ONDAS DO PASSADO

Fernando Gregio

O móvel de madeira tem lugar de destaque na sala de estar. Um olhar despercebido poderia não notar que aquele objeto é muito mais do que um simples aparador de fotos de família. Com um giro em um dos grandes botões pretos, o anfitrião sintoniza a rádio Jovem Pan e revela orgulhoso: “É um legítimo Zenith 1938!”. Aquele aparelho de rádio de mais de seis décadas, funcionando perfeitamente, foi o primeiro da coleção de mais de 150 que o chefe do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (DPD), Carlos Lazarini, mantém em sua casa, muitos deles enfeitando a sala.

“Ganhei este aparelho da minha esposa em 1995, quando morávamos nos Estados Unidos. Era o dia do meu aniversário e ela devia estar procurando um presente, quando topamos com ele em um shopping, à venda como móvel antigo”, relata. A aquisição fez aflorar a paixão por rádios antigos que Lazarini nutria desde a adolescência, quando levou para seu quarto um RCA 1945 que o pai guardava. “Ficava à noite ouvindo aquelas emissoras estrangeiras, fascinado”, lembra.

Em 1996, Lazarini resolveu devolver a voz ao Zenith 1938. Começou a

pesquisar tudo sobre restauração e reparo de rádios valvulados. Leu dois livros sobre o assunto, relembrou conceitos de eletrotécnica que aprendera na escola, comprou peças e equipamentos e debruçou-se sobre o aparelho, até fazê-lo funcionar novamente. Desde então, não parou mais de adquirir rádios antigos para ressuscitá-los. “Restauro sempre no projeto original, não faço gambiarras. Encomendo válvulas da Rússia, dos Estados Unidos, da Inglaterra, de onde for preciso.”

Longe da TV

Boa parte dos seus momentos de folga Lazarini passa dentro de uma pequena oficina que construiu anexa à sua casa, em Brasília (DF). É lá que está a maioria dos aparelhos de sua coleção. Perguntado se todos já estão restaurados, ele vira-se com cara de assustado: “Você acha que vou acabar com o divertimento de minha aposentadoria?! Tem muito aparelho na fila aqui”, brinca.

Lazarini revela que tem muito prazer não somente em consertar aparelhos, mas também em ouvir emissoras de amplitude modulada, a popular AM. “Não assisto à televisão. Venho para cá, ligo um rádio que consertei há pouco tempo, para treiná-lo (risos), e fico trabalhando”, conta.

O pesquisador montou, ainda, uma pequena marcenaria em seu quintal. Construir teares, bancos e mesas é outro de seus passatempos. É ali que Lazarini realiza o restauro dos gabinetes (a caixa) dos aparelhos antigos, feitos geralmente de madeira.



Lazarini sintoniza seu Zenith 1938

Viagem no tempo

O aparelho mais antigo da coleção é um Westinghouse modelo Aeriola Sr, de 1922, que Lazarini adquiriu em perfeitas condições técnicas em 1997. O rádio chegou a vencer um festival em São Roque (SP), no ano 2000, como o aparelho mais original dos anos 20.

No fim da visita, Lazarini propõe ligar o aparelho, para que o jornalista e o motorista pudessem ouvir rádio como se fazia no início do século passado, a volume baixo, individualmente, pelo fone de ouvido. Sim, porque o fone de ouvido veio antes da amplificação mecânica via tuba e do alto-falante. Depois de quase dez minutos ligando e religando fios no moderno aparelho que substituiu as antigas baterias (e eram três!), surge o som suave, porém firme e sem chiados, carregando o ouvinte para uma viagem ao passado.



O chefe do DPD mergulhado em sua oficina

Acesse o site de Carlos Lazarini
www.capeoldradio.com